

## Entrevista/ Interview

---

**Prof.<sup>a</sup> Ana Elisa Ribeiro:**

**“É preciso ter humildade, coragem e consistência, tudo ao mesmo tempo.”**

**“It takes humility, courage and consistency all at the same time”**

**Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros<sup>1</sup>**

Ana Elisa Ribeiro é professora e pesquisadora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (mestrado e doutorado), no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição), em cursos de especialização e na educação profissional técnica de nível médio. É doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e tecnologia) e mestre em Estudos Linguísticos (Cognição, linguagem e cultura) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também se bacharelou e licenciou em Letras/Português. É pós-doutora em Comunicação (PUC Minas, 2009-2010), em Linguística Aplicada (Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, 2011-2013) e em Estudos Literários (2015-2016, Pós-Lit UFMG). Lidera os grupos de pesquisa (CNPq) Escritas Profissionais e Processos de Edição e Mulheres na Edição. Há vários anos, tem trabalhado em duas frentes: a linguística aplicada e a edição, em pesquisas que confluem sempre em questões sobre leitura e escrita. Entre outros, é autora dos livros **Textos Multimodais** e **Escrever, hoje** (ambos da Parábola Editorial) e **Livro - Edição e tecnologias no séc. XXI** (Editora Moinhos/Contafios). É escritora, autora de livros e publicações literárias individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Atualmente, lidera projeto de pesquisa sobre Mulheres Editoras no Brasil, com o apoio da Fapemig.

---

**Conecte-se! - A pandemia da Covid-19, que assola o mundo inteiro desde início de 2020, tem tido efeitos devastadores sobretudo em alguns países, como o Brasil, que não soube(ram) lidar apropriadamente com o combate à doença. No ideograma chinês relativo a “crise”, há duas dimensões – uma referente ao problema, em si, e outra às oportunidades dele decorrentes. Analisando este período de cerca de 15 meses desde o início da pandemia. Como você avalia esse contexto?**

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-graduação e do Departamento de Letras da PUC Minas. Titular da Coordenação Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da Pro-reitoria de Extensão. Editora gerente de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão (Proex PUC Minas). Editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas da PUC, de Scripta e de Cadernos CESPUC de Pesquisa. E-mail: [evangelabarros@yahoo.com.br](mailto:evangelabarros@yahoo.com.br).

**Ana Elisa** - Estou com o ideograma chinês. Vejo as duas dimensões claramente, mas a parte das oportunidades não me parece automática. É como se o problema em si fosse mais saliente ou enevoasse a dimensão da oportunidade. E tento ter cuidado quanto a isso.

Para quem já estudava, pesquisava e se interessava por tecnologias digitais, a dimensão da oportunidade provavelmente é questão de predisposição. Tenho entendido este momento – mais de um ano nesta experiência de ensino remoto forçado e improvisado – como uma parada para muitas reflexões, práticas experimentadas, ansiedades e angústias, fracassos e sucessos, desses miúdos, que a gente precisa conquistar. Desde que as aulas “presenciais” foram suspensas, tenho vivido intensamente as questões do ensino remoto, observando desde a enorme exclusão que isso provocou (morte anunciada... para quem já estudava o tema), a omissão de algumas esferas e/ou instituições, a resistência de muitos, a exploração trabalhista dos docentes, até a experiência de produzir aulas que façam sentido deste jeito, o colecionar boas experiências, o pensar para fora, com colegas, em diálogos a um só tempo angustiados e corajosos. O contexto, a meu ver, é muito triste pela pandemia, mas também muito intenso e fértil, se a educação quiser se repensar. É claro que isso não é do interesse de todos. Mas seria ótimo se conseguíssemos.

**Conecte-se! - O que você consideraria negativo e o que destacaria como positivo, com relação ao sistema educacional brasileiro? Considere a educação básica e a superior, por favor.**

**Ana Elisa** - É difícil destacar algo nesses dois níveis tão diferentes. A educação básica é tão grande, tão desigual, dividida ainda em subfaixas, assentada sobre o trabalho de uma massa enorme de pessoas geralmente desprestigiadas, desrespeitadas em muitos níveis (do salário ao desprezo do olhar). O ensino médio eu vejo mais de perto, de dentro, mesmo assim em uma escola técnica federal, que tem uma característica muito específica. O ensino superior, tão imenso, mas muito menor do que a educação básica. Instituições tão díspares.

Eu diria que a educação básica precisa de um olhar – e investimentos – muito mais atento e cuidadoso do que jamais teve; e que a educação superior precisa conversar de verdade com a básica, coisa que acontece muito pouco ou pontualmente, ou numa relação de assimetria que não me parece efetivamente proveitosa; assimetria que se reproduz dentro e fora dessa relação, socialmente e profissionalmente.

**Conecte-se! - Em belo ensaio publicado em 2020, “Ensino, pesquisa e extensão na pandemia: dor e delícia dos letramentos digitais”<sup>2</sup>, você fala sobre a “arte da especulação”, trazendo a voz de uma escritora argentina, Josefina Ludmer. Para ela, “a arte da especulação consiste em dar uma sintaxe às ideias dos outros, postulando um aqui e agora a partir de onde elas são utilizadas” (LUDMER, 2013, p.8 *apud* RIBEIRO, 2020, p.144). De que maneira esse exercício reflexivo pode nos ajudar a compreender melhor esse momento sócio-histórico que atravessamos?**

**Ana Elisa** - Sou uma leitora de ensaios literários, de literatura também, desde sempre. Li Josefina Ludmer por absoluta curiosidade sobre a maneira como ela pensa e escreve sobre nosso continente. Seu livro **Aqui América Latina** (em português pela Editora da UFMG) me interessava também porque ela é argentina e fala de um contexto que conhecemos bem, esta situação específica, peculiar, que é ser latino-americana. Isso sempre me interessou muito, mas só há alguns poucos anos comecei a ler esses pensadores e pensadoras que têm os pés bem fincados aqui e uma visão crítica do eurocentrismo (que nos afeta demais). (Bom, ela na verdade ficou entre os Estados Unidos e a Argentina, mas nasceu e morreu no país nosso vizinho).

O texto de Ludmer é sobre literatura, é um ensaio sobre livros. E eu o tomei emprestado para falar de educação e tecnologias digitais, pensando que tempo e território são categorias que ela usa para tratar da literatura e que eu poderia muito bem usar para falar da educação escolar. O ensino remoto afetou violentamente essas duas dimensões: tempo e território. Isso nos incomodou demais, nos bagunçou tudo, tornou tudo caótico, desorganizado. Ou mexeu naquela organização com a qual simplesmente estávamos acostumados – é do jeito que é porque só sabemos ser assim.

O jeito de funcionar da escola/escolarização é uma espécie de “fato social”, dado, ninguém mexe muito nisso. É um eixo, uma engrenagem fixa que ajuda a sociedade a se mover. É muito difícil aceitar uma mudança tão grande e tão extensiva quanto essa do ensino remoto emergencial. O incômodo foi imenso. Quanta coisa saiu do lugar quando a escola faltou. É impressionante. E nesse ensaio eu resolvi pensar nisso, inspirada nessa autora argentina. É preciso pensar no que fazemos com esses tempos que o digital nos trouxe (nossa sensação de tempo, de nova divisão, de coisas que são menos ou mais suportáveis nas telas, aulas mais cansativas etc.); e com os territórios interditados. O que há de normal em ficar preso por várias horas num prédio todo controlado? É normal para nós. Não sei se é uma delícia. E tem outro jeito? Estamos acostumados demais à

---

<sup>2</sup>RIBEIRO, Ana Elisa. Ensino, pesquisa e extensão na pandemia: dor e delícia dos letramentos digitais. In: ASSIS, Juliana A.; KOMESU, Fabiana. FLUCKIGER, Cédric (Org.) **Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo: volume IV: Efeitos da Covid-19 em práticas letradas acadêmicas**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. [recurso eletrônico] E-book. (476p.). Disponível em: <https://issuu.com/cespuc-centrodeestudoslusos-afrobra/docs/praticas-discursivas-v4>.

precariedade do que é uma escola como espaço de confinamento/convivência. Isso tem capturado muito o meu pensamento. Eu só consigo pensar que gostaria de um mundo melhor e uma educação menos sacrificante.

**Conecte-se! - Cobra-se muito, na academia, o acesso a / o domínio de certos gêneros específicos. No entanto, os alunos ingressantes (e, às vezes, ainda os concluintes) não raro encontram-se bem distantes dessa expectativa de domínio. Como você avalia essa questão dos letramentos acadêmicos e o que considera importante para um avanço qualitativo das produções desses estudantes?**

**Ana Elisa** - Talvez isso tenha relação com aquela falta de diálogo que apontei antes entre ensino superior e educação básica. Talvez também tenha a ver com assimetrias de outras naturezas. As cobranças, até o ensino médio, são muito básicas. Sou professora de Redação no ensino médio. Fico sempre incomodada com o fato de que alguém possa sair dessa fase da escolarização com dificuldades para escrever três parágrafos. O que são três parágrafos no cenário comunicacional de hoje? Não parece pouco demais? Como uma pessoa se movimenta nessa selva de discursos em disputa sem saber escrever três parágrafos ou, para sair do texto escrito, sem se articular minimamente? E as tais das múltiplas linguagens? E os multiletramentos e sua noção de diversidades textual e midiática? Como se pensa sobre isso ou se produz algo numa sala de aula desértica, sem recursos? Daí o garoto ou a garota sai do médio e passa pelo ENEM, entra então na universidade. Lá a pessoa começa a ser cobrada por outras coisas: leituras, escritas, debates, criticidade. É quase da noite para o dia. Mas o que fazer quanto a isso? Elevar a exigência do médio ou ter mais paciência no superior? Fico pensando que há uma descontinuidade flagrante entre esses níveis.

E mesmo que gostemos da ideia de que o ensino superior se democratizou e capilarizou (ao menos enquanto não acabam de vez com ele no Brasil), ele ainda exige muito de quem saiu da escola básica comum. Chamo de “comum” a escola da maioria, que mirou no ENEM como se fosse o auge do que se precisa aprender; a escola pública, que deveria ser ótima para todos, e a particular que não sai dessa média também. Fico pensando que os estudantes do ensino básico, mais especialmente os do médio, poderiam fazer mais, se tivéssemos essas condições reais; o a educação superior poderia ter uma noção mais clara dessa descontinuidade. É claro que isso depende dos cursos. Há um descompasso entre os cursos dentro de uma universidade, sabemos. Nós das licenciaturas lidamos com um público diferente de cursos considerados ou percebidos como de elite. O que consigo

imaginar é que poderíamos traçar uma ponte mais firme entre esses níveis educacionais, e aí estão embutidos os letramentos, que também são diferentes para cada um deles.

**Conecte-se! - Ainda em diálogo com a questão precedente, dos letramentos acadêmicos: você tem se dedicado, como pesquisadora, aos estudos dos letramentos digitais – uso competente das tecnologias digitais de comunicação e informação – TDICs por professores e alunos. Fale brevemente sobre isso. Crê que avançamos qualitativamente, nos últimos anos, na inclusão desses expedientes tecnológicos?**

**Ana Elisa** - Tenho estudado “letramentos digitais” desde que chegaram computadores na sociedade brasileira. Sempre me interessei pelo efeito que essas máquinas surtiriam. Nunca me considerei uma deslumbrada digital, isto é, uma pessoa que se vê ofuscada pelo encantamento pela tecnologia. Tentei, o tempo todo, olhar com olhinhos apertados, desconfiando, mas querendo saber o que havia ali por trás. Mergulhando nas práticas, nas tecnologias, nos debates, sem deixar de ver embaixo do meu nariz.

Acho que socialmente mudamos muito. Acessamos muitas coisas, embora de maneira precária ainda. Telefonia cara e ruim, banda larga cara e instável, máquinas menos avançadas do que em outros cantos do planeta, consumidores eternos do que inventam para nós etc. Socialmente, nossos modos de fazer muitas coisas são atravessados pelas TDIC, sem dúvida. E isso foi lento, social mesmo. Na escola é que não foi assim e nem parece que será... talvez sequer depois do susto/surto da pandemia e do ensino remoto. Tivemos certeza, depois da pandemia, de que nem todos estão incluídos, em muitos sentidos. A escola ainda é bem impermeável quanto a novos modos de ensinar e aprender. Não era questão de montar laboratórios com decoração verde limão. A questão é outra.

**Conecte-se! - Estamos em patamar equivalente a outros países da América Latina?**

**Ana Elisa** - Não posso afirmar. Estou de olho no Brasil. Sei que países como o Chile e a Argentina, por exemplo, também têm grupos de colegas estudiosos das questões de educação e tecnologia. Creio que não tenhamos coisas muito melhores ou diferenças muito radicais entre países do Sul.

**Conecte-se! - No CEFET-MG, onde você atua, como foi a adaptação ao regime remoto, no caso das atividades de extensão? Poderia nos dar um exemplo dessa transição para a nova modalidade?**

**Ana Elisa** - O CEFET-MG sofreu muito. É uma instituição enorme, com mais de 15 mil estudantes espalhados por onze campi, em cidades diferentes. É maior que cidades inteiras. Além disso, é uma instituição multinível e com gente de todas as classes sociais. Lidamos com o doutorando adulto, autônomo, que se virou para entrar no ensino remoto, mas também com a moçada de 15 anos, entrando no ensino médio, dependente da família. Foi uma situação complexa.

Foram quatro meses de debate sobre se deveríamos ou não entrar em regime remoto, até que a suspensão ficou insuportável. Se era possível fazer algo, então algo tinha de ser feito. É tautológico, era isso. Quem não fez nada, podendo fazer, foi omissivo. E aí é pesado e lento levantar um gigante como esse, encontrar as pessoas depois de quatro meses de perplexidade, medo e certo desamparo. Vencer centenas de pessoas amedrontadas, mais umas tantas conservadoras, pessimistas por todo lado, otimistas estonteados, enfim. É muita coisa a ser vencida para, então, começar a pensar em coisas objetivas. A primeira: qual ambiente virtual vamos usar? Veja, isso deveria ter sido pensado sempre, muito antes. Uma escola hoje precisa do seu avatar. Mas nunca nos preocupamos com isso. E quem são nossos alunos, afinal, quanto a seus perfis de acesso digital? Não sabíamos.

Numa estrutura grande e colegiada, tal como o CEFET-MG e a maioria das escolas públicas, tudo depende de debate, planejamento, aprovação. E isso é ótimo, claro. Mas sinto que especialistas pouco foram ouvidos. O fato é que o ensino remoto começou, aos trancos, e as pessoas foram se acomodando, no bom sentido. Foram deixando de estar assustadas, foram entendendo o que ia acontecer, inclusive foram sentindo que ia acontecer! E aí tudo foi se reorganizando. Sem paciência, essas coisas ficam muito mais difíceis. Estamos em ensino remoto há pouco menos de um ano. Tivemos um atraso grande de calendário por isso, comprometemos tudo adiante por cerca de um ano ou dois. Tivemos de acolher estudantes por meio de bolsas de apoio digital, convencer as pessoas de que era possível manter algum nível de atividade. Teve estudante que desistiu, mas também teve quem tenha parado, trancado, mas depois tenha percebido que era possível continuar e, inclusive, tornando os estudos um sentido para a vida, uma espécie de luz no escuro, um eixo para tanto caos.

A extensão dependeu de cada coordenador ou coordenadora de projeto. Eu optei por fazer, agir. Logo que suspenderam tudo, parei uns dias, chamei nossas estagiárias maravilhosas, vi como elas estavam, como se sentiam e as encorajei. Podemos? Podemos. Então vamos para o Instagram, que é lá que as pessoas estão. As pessoas continuavam ali, querendo conversar, passar o tempo. O Aula

Aberta fez então certo sucesso, oferecendo formação, reflexão, conversa e companhia para quem procurava um sentido nisso tudo.

**Conecte-se! - Professora Ana Elisa, sua experiência como docente universitária é um exemplo do perfil de professor que, entendo, é o demandado pela contemporaneidade: assume, simultaneamente, frentes vinculadas ao ensino, à pesquisa, à extensão. De que forma a extensão se fez presente em sua carreira? Como você enxerga essa inte(g)ração?**

**Ana Elisa** - Enxergo, mas vou muito pelo desejo mesmo. Sempre trabalhei muito, antes do CEFET-MG e depois de estar nele. Se me dão corda, eu gosto de ir. Gosto de liberdade. Nunca suportei trabalhar em lugar careta, cheio de regras engessadoras e gente travada. Eu gosto de me movimentar. A extensão vem como uma necessidade do trabalho. Dou mais aulas do que gostaria, pesquiso bem menos do que gostaria, tudo numa proporção que não me agrada, mas é o que é. Tento fazer bem-feito e agregar o máximo de pessoas possível, desde que elas estejam dispostas a trabalhar, a conversar, a aprender, a ter ideias, a fazer redes. Tem aquelas coisas de energia, né? Não sou muito mística nem nada, mas acho que enxergo uma transparência ou uma opacidade nos olhos das pessoas.

Quero dizer que ser professora de sala de aula (com tudo o que isso implica de trabalho insano), pesquisar seriamente (com os obstáculos todos a serem vencidos), escrever (que é minha paixão de verdade) e ainda fazer extensão são um grande bloco. A gente pesquisa na sala de aula e na extensão, faz extensão com a pesquisa, dá aula sobre a pesquisa e assim entende que está numa espiral ou num mosaico todo intercomunicado. Não é separado. Mas dá um trabalho enorme e desproporcional. Acho que o certo seria que essas cargas fossem mais humanas. Estão longe de ser.

**Conecte-se! - Pela sua vasta experiência de professora e pesquisadora, você acredita que as produções / publicações vinculadas à extensão recebem das instâncias superiores uma valorização similar à que recebem das produções / publicações decorrentes de pesquisas? Comente, por favor.**

**Ana Elisa** - As produções de extensão são sempre as que valem menos pontos, às vezes sequer aparecem ou então vão para o item "outros". Uma tristeza. Não faço movida por isso, é claro. Aliás, as pessoas que fazem muito são punidas pela burocracia. Isso realmente me entristece, irrita e desanima. Você produz muito e mandam preencher um ou dois relatórios para provar o que você fez. Imagina? Quem não fez muito sai no lucro. Muito menos retrabalho. Não gosto de me prestar a isso.

Atualmente, vemos uma tendência de valorização da extensão na integração obrigatória dela às atividades da graduação, por exemplo. De repente, todo mundo correndo para entrar num projeto de extensão para cumprir pontos, horas, créditos etc. É claro que a essência da coisa não é essa... Mas a banda toca impulsionada por pontos. A pesquisa também vive de pontos, mas é explicitamente mais valorizada, muito mais “inteligente”.

**Conecte-se! - Professora Ana Elisa, em seus textos acadêmicos, que abrangem um leque de temas dentro dos estudos linguísticos, é possível notar um estilo bem pessoal, em que se mescla uma linguagem simultaneamente acadêmica e poética, o que parece incompatível, inicialmente. Como vê essa sua conquista? Qual o valor da poesia (por extensão da literatura como arte), em sua vida?**

**Ana Elisa** - Ah, obrigada por isso! A poesia não pediu licença. Ela está na minha vida desde criança, muito antes de eu escolher minha profissão. Nem sei se escolhi minha profissão, aliás. Eu corri atrás dos textos, dos livros, quis viver uma vida no meio deles. Então eu amo a escrita, a literatura, o texto. Amo tanto que não dou aulas disso. Sofro ao vender aulas de uma literatura que não me parece com o que eu realmente acho que ela seja, algo tocável, algo com que a gente sente, aprende, pensa, vive. Não me meto nisso. Eu uso a literatura para mim. E minha escrita talvez tenha um perfume que vem daí, das minhas leituras, do meu gosto pela língua portuguesa, pela ousadia em português. Uma coisa íntima, com liberdades que só quem experimenta a língua, o texto, consegue fruir.

Eu fui tomando coragem de escrever mais ou menos como eu queria. Isso passa por outras questões também. A palavra “conquista” é ótima e oportuna, neste caso. Quando eu comecei a produzir artigos científicos, é claro que me davam “bomba” se eu escrevesse muito fora do “padrão”. Tive artigos reprovados, pareceres grosseiros, tive nota baixa de professor(a) da faculdade etc. Mas a gente aprende o molejo da coisa. Entende que o texto pode estar mesmo ruim (sim!), pode melhorá-lo, mas a gente sente também quando passa por outras questões. À medida que fui conquistando algum respeito (também passa por aí), meu texto foi ganhando mais espaço. Hoje em dia, quando me pedem um capítulo de livro ou um ensaio, eu sei que tenho mais liberdade para escrever, para dizer, tanto para “o que” quanto para o “como”. E me controlo para não cair em armadilhas. Sinto inseguranças e dúvidas. Sempre temo: “ah, devo ter escrito ou falado muita besteira. Meu Deus!” Mas depois penso: “coragem, professora!”. Já estou mais perto dos 50 do que dos 40, estudo estas coisas mais da metade da minha vida, não é possível que não tenha já algum direito de dizer algo! É preciso ter humildade, coragem e consistência, tudo ao mesmo tempo.

Estudar muito, fazer conexões, deixar o cérebro pensar, ler muito, ler diverso, saber o padrão, mas saber olhar para fora dele etc. Além disso, para retomar a coragem, às vezes penso coisas como: “mas será que um europeu tem o medo que eu tenho quando faz uma proposta mediana? Ou um europeu ou norte-americano nunca acha que fez uma proposta mediana, em especial se ela for lida aqui no Sul? Será que um pesquisador sênior branco tem este medinho que eu tenho de falar bobagem? Ou ele aprendeu a ter uma autoconfiança e uma segurança que nunca aprendi em lugar algum?” Olha, eu tenho de me cuidar com essas coisas (e tem ainda as assimetrias entre instituições!). E, por favor, não estou falando de arrogância nem de pretensão. De forma alguma! Pessoas assim dão com os burros n'água. Estou falando de uma coragem que põe a gente de pé, para cima, um *ethos* que não aprendemos fácil aqui nesta parte do mundo. Ou jamais entraremos na conversa...